
Representação Feminina Em *Friends*: Uma Análise Da Representação De Monica Geller¹

Isadora Severo TEIXEIRA²
Flavi Ferreira Lisbôa FILHO³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Os Estudos Culturais são um campo que visa investigar as minorias, e essa área surgiu com a intenção de priorizar as classes “de baixo” da sociedade. Ao longo do seu desenvolvimento, o campo adquiriu uma marcante característica em relação à interdisciplinaridade, fato este que colaborou com as discussões acerca das questões de gênero dentro da área. Dessa forma, esse trabalho pretende entender de que forma é feita a representação da personagem do *sitcom* americano *Friends*, Monica Geller, ao longo da primeira temporada do seriado.

PALAVRAS CHAVE: Estudos Culturais; *Friends*; Representação Feminina; *Sitcom*;

INTRODUÇÃO

Com base no entendimento do cenário no qual estamos inseridos atualmente em que a mulher é apresentada sempre de forma secundária em relação à presença masculina, estando geralmente conectada às responsabilidades da casa e da família, com pouca ênfase para a construção de uma carreira ou de seus desejos pessoais, é necessário ressaltar que entender a maneira que a mídia hegemônica atinge os indivíduos em nossa sociedade é fundamental para que possamos compreender os processos de formação da identidade dos sujeitos. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo estudar como é feita a representação da personagem do *sitcom* americano *Friends*, Monica Geller, em relação ao seu empoderamento como mulher durante a primeira temporada do seriado. Como empoderamento entende-se o ato das mulheres de

¹Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Graduanda em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: isasevero@gmail.com

³Doutor em Ciências da Comunicação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria/RS –Brasil, orientador do trabalho. E-mail: flavilisboa@ufsm.br

possuírem poder de participação social e cultural. Isso tudo garante que elas estejam cientes a respeito dos seus direitos dentro da sociedade. Em concordância com isso a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres)⁴, desenvolveu uma lista com 7 princípios básicos do empoderamento feminino no âmbito social e profissional, são eles: estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível; tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação; garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa; promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres, apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing; promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social; medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

Diante disso, ainda que existam movimentos que caminhem no sentido contrário à essa sociedade hegemônica e ditadora de regras na qual estamos inseridos, *Friends* se caracteriza como um seriado que se encontra dentro do contexto de uma realidade que dita regras de comportamento principalmente a partir dos seus canais de comunicação de massa. Isso tudo é comprovado quando nos damos conta de que diariamente vemos filmes, telenovelas, jornais e revistas disseminando uma imagem da mulher que reafirma que ela deve seguir padrões de beleza, estética e comportamento específicos. Hoje, esses canais de mídia hegemônica propagam uma imagem da mulher em que, para que seja aceita socialmente, ela deve ser branca, magra, e ter como principal objetivo de vida a constituição de uma família. E, dentro do sitcom em questão, isso não deixa de acontecer.

Sabe-se que, historicamente, a figura feminina é representada nos produtos midiáticos em um patamar de inferioridade e submissão, sendo retratada muito frequentemente dentro de casa, tendo como sua principal função cuidar do lar e dos filhos, deixando o lado profissional e pessoal sempre em segundo plano. Dito isto, cabe

⁴Disponível em <http://www.onumulheres.org.br/>

ressaltar que, ainda que vivamos em uma sociedade que possui diversos movimentos que busquem a desconstrução desse estereótipo, a mídia segue, até a atualidade, representando as mulheres dessa forma, havendo poucos espaços em que esse padrão não é retratado. Assim, *Friends* se destaca não por ser um produto midiático no qual a reprodução desses estereótipos não acontece, mas sim um espaço no qual a mulher passa a entender que essas não seriam suas únicas opções de vida, tornando-se assim, um grande promissor nesse âmbito. Desse modo, o seriado em questão ganha uma forte representatividade dentro do contexto dos *sitcoms* não só na década de sua exibição, mas também atualmente, momento em que o debate a respeito dessas questões segue sendo extremamente relevante e necessário.

2. Estudos Culturais e Feminismo

Os Estudos Culturais, área que teve origem a partir do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), “buscam compreender, nas sociedades industriais contemporâneas e em suas inter-relações de poder, a atuação da cultura nas mais diversas áreas temáticas: gênero, feminismo, identidades nacionais e culturais” (RIBEIRO; MORESCO; 2015, p. 171). Assim, o campo surge a partir da “alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 88) e tem como objeto de estudo principal o “cotidiano, que é influenciado pelos meios de comunicação” (SILVA, 2001, p. 32). Três autores que surgem nos final dos anos 1950 estabelecem a base teórica do campo: Richard Hoggart, pioneiro na criação do CCCS em 1964, foi seu diretor até 1968. Em *The uses of literacy*, obra produzida em 1957, o autor “analisa de que forma se dá a influência da cultura disseminada pelos meios de comunicação junto às classes trabalhadoras (SILVA, 2011, p. 33). Raymond Williams, com *Culture and society* (1958), “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência” (ESCOSTEGUY, 1998, p.88), apresentando “uma evolução genealógica do conceito de cultura na sociedade industrial” (SILVA, 2011 p. 33). E, finalmente, Edward Palmer Thompson, com *The making of the english working-class* (1963), obra que “mudou a

forma de fazer história na Inglaterra” (CEVASCO, 2003, p. 21), reconstruindo, de certa forma, parte da história da sociedade em questão, através de “uma reflexão sócio-histórica de um grupo social, os trabalhadores, ao apresentar suas vidas no dia a dia e suas práticas culturais (SILVA, 2011, p.33).

Dentro desse contexto dos Estudos Culturais, percebe-se que estes autores “analisam a cultura como uma forma de entender a influência da mídia na cultura de uma sociedade e também como sendo parte de um complexo cultural maior” (SILVA, 2011, p.32). Devido às suas influências provindas de diversas áreas do conhecimento, os Estudos Culturais possuem um alinhamento muito forte em relação à interdisciplinaridade. Isso colaborou com o desenvolvimento do campo, uma vez que permitia que os estudiosos do assunto estivessem vinculados a muitas áreas do conhecimento, enriquecendo, dessa forma, as discussões dentro da área. Assim, Silva (2011, p. 33) ainda lembra que “além dos temas como as culturas populares e os meios de comunicação, os Estudos Culturais posteriormente trabalham com temáticas relacionadas às identidades, entre elas a questão do feminismo, por volta da década de 70”. Essas discussões se tornaram relevantes dentro do campo a partir de uma ligação com as que eram levantadas acerca de identidade por Stuart Hall (2001, p.9). Tudo isso se dá considerando que as identidades modernas estão fragmentando-se por causa de uma mudança estrutural, que transforma a sociedade no final do século XX, e afeta “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”.

Marcado por quatro principais ondas históricas, o feminismo tem seu início datado no século XIX e tinha como principal objetivo a reivindicação por direitos iguais de cidadania para as mulheres. “Ao reivindicar que o gênero institui a identidade do sujeito, assim como a classe, a etnia ou a nacionalidade, a teoria feminista afirma uma posição que transcende a perspectiva anterior de identificar a construção de papéis de gênero na sociedade” (ESCOSTEGUY, 2016, p.69). Ao longo da segunda fase, a liberdade sexual e os direitos ao próprio corpo das mulheres se tornaram reivindicações características do movimento. “No âmbito da prática política feminista, reivindicava-se a ocupação de espaços por estudantes mulheres e o reconhecimento de sua importância

no debate teórico” (ESCOSTEGUY, 2016, p.63). A terceira fase, a qual teve seu início marcado na década de 1990, focava em questões de gênero, sexualidade e raça. Desse modo, as diferenças sociais entre homens e mulheres, bem como a desigualdade de gênero são construídas socialmente e, essas distinções estariam ligadas ao chamado *determinismo biológico*, uma compreensão que se sustenta nas diferenças biológicas entre homens e mulheres para justificar o fato de a mulher ser considerada inferior ao homem por ser o seu oposto, o *sexo frágil*. Ainda, para Rubin (1995, p. 75) “gênero é uma divisão dos sexos socialmente imposta. É um produto das relações sociais de sexualidade”. Ou seja, gênero trata-se de uma construção social, fundamentada no determinismo biológico, que ampara as diferenças entre homens e mulheres apenas pelas características físicas e/ou sexuais. Scott (1995, p. 75), corrobora essa afirmação e salienta que o conceito de gênero:

[...] se torna, aliás, uma maneira de indicar as —construções sociais: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Para a supracitada autora, gênero é, portanto, o pontapé inicial para que as relações de poder sejam legitimadas. Já Connell e Pearse (2015, p. 48) acreditam que o conceito “diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse ‘lidar’ para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo”. Assim sendo, gênero não diz respeito apenas à identidade ou à sexualidade, mas sim, ao complexo todo. E, finalmente, a quarta e atual onda marca a virada do século XXI, e tem como característica principal as reivindicações identitárias das mulheres.

O Sitcom e Friends

Sitcom é a palavra usada para abreviar a expressão proveniente da língua inglesa situation comedy. Se caracteriza por um formato ficcional originado na televisão americana em meados da década de 1950. Marcada por um modelo narrativo

apresentado para um público presente ao vivo, essa ferramenta tem como característica o uso de poucos cenários, elenco fixo e situação do cotidiano apresentadas de forma satirizada. Esse tipo de série “não têm, portanto, compromisso direto com o real, mundo exterior, embora se proponham a retratá-lo de forma lúdica” (DUARTE, 2008, p.2). A primeira *sitcom* televisiva de que se tem registros foi *I Love Lucy*, dirigida pelo diretor e produtor William Asher. A série que foi veiculada a partir da década de 1950 até meados da década de 1970, acabou por marcar uma época dentro do contexto dos *sitcoms* como a primeira veiculada internacionalmente. Portanto, o seriado abordado por esse trabalho, se caracteriza como um *sitcom* uma vez que se enquadra nas descrições sugeridas anteriormente. Os temas abordados por esse tipo de seriado são caracterizados por intercalar “momentos de seriedade com a apresentação sistemática e reiterada de situações tragicômicas, inerentes à própria vida, que oferecem objetos ou acontecimentos engraçados ou ridículos a quem esteja atento e seja capaz de identificar esses traços” (DUARTE, 2008, p.4).

Friends é um programa televisivo que foi veiculado pela rede NBC⁵ de televisão entre 22 de setembro de 1994 e 6 de maio de 2004. Criada por David Crane e Marta Kauffman, a série retrata a vida de 6 amigos que moram em Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos. Protagonizada por Monica Geller (Courtney Cox), Phoebe Buffay (Lisa Kudrow), Rachel Green (Jennifer Aniston), Ross Geller (David Schwimmer), Chandler Bing (Matthew Perry) e Joey Tribbiani (Matt LeBlanc), A série se passa principalmente em dois dos apartamentos em que os personagens moram, e durante a trama eles enfrentam os desafios da vida adulta sempre de maneira leve e engraçada. Ao longo da história, conhecemos melhor cada um dos personagens, entramos em contato com suas histórias de vida, e assim, compreendemos melhor o contexto em que cada um deles está inserido.

Quando olhamos o seriado pelo viés em que as três principais personagens femininas se encontram, vemos que é possível conectar a trama com as questões de gênero abordadas na área dos Estudos Culturais de muitas formas. *Friends* é um seriado que aborda não só a vida amorosa dos personagens, mas também dá fortes

⁵ Disponível em: <https://www.nbc.com/>

enquadramentos para as pressões familiares, dificuldades da vida profissional e até mesmo complicações dos relacionamentos entre amigos. Todas essas questões se conectam quando levamos em conta que os padrões impostos para a mulher na sociedade permeiam não só um âmbito da vida amorosa, em que se espera que a mulher exclusivamente construa uma família e cuide dela, mas todos os outros. Dentro da trama do seriado, Monica, Rachel e Phoebe encontram um ambiente extremamente inóspito para mulheres que decidem se desvencilhar dos padrões impostos pela sociedade, e ainda que enfrentem muitas adversidades ao longo desse caminho, mostram que é possível viver de forma diferente do que é esperado da mulher e sim em conformidade com o que cada uma deseja para si.

Dentro disso, é relevante levar em conta o que diz Barros (2012, p. 270), quando afirma que “a mídia tem um papel crucial em definir gênero, em promover um número reduzido de modelos e em sedimentar estereótipos”. Com um impacto cultural considerável, *Friends* estabeleceu diferentes comportamentos padrões em seus espectadores, como cortes de cabelo, frases de efeito e modos de vestir que se popularizaram mundialmente após serem utilizados por personagens do sitcom. É devido a isso que estudar a representação feminina em *Friends* se torna relevante. “Os programas televisivos constituem-se em uma forma de criar e transmitir representações sociais, estes, muitas vezes, fazem uso de estereótipos” (HENRIQUES, 2016, p 50). Assim, compreendemos que *Friends* possui uma forte relevância para a questão de gênero, não só por estabelecer padrões de comportamento na sociedade, mas por demonstrar que as mulheres possuíam possibilidades de vida que antes não eram consideradas.

Assim, ressaltamos que, ao abordar temas que seguem sendo extremamente atuais mais de 15 anos após o lançamento do último episódio do seriado, *Friends* é marcado por representar as mulheres em uma situação de afastamento do estereótipo característico da mídia, no qual a mulher é representada geralmente pertencente à escala doméstica, e majoritariamente em uma situação de inferioridade em relação à imagem masculina. Essa proximidade com o público trouxe a *Friends* grandes números de

audiência no momento em que ia ao ar pelo canal da rede NBC nos Estados Unidos, tendo a décima temporada uma média de 26,1 milhões de espectadores por episódio⁶.

A Personagem e sua Representação

Ainda que *Friends* possua três personagens principais femininas, e todas elas possuam interessantes enquadramentos a serem analisados em relação às questões de gênero da sociedade, para fins de melhor compreensão, no presente trabalho analisaremos a forma pela qual a personagem Monica Geller, caracterizada pela atriz norte-americana Courtney Cox, é representada ao longo da primeira temporada do *sitcom*. Abordaremos então, a pressão sofrida pela personagem em relação ao cumprimento dos padrões estabelecidos para a mulher na sociedade. Portanto, o presente artigo objetiva analisar, metodologicamente o percurso da personagem através da análise textual proposta por Casetti e Chio (1999). Assim, seremos capazes de compreender essa representação através das imagens, falas dos personagens, bem como os personagens em si fundamentados não apenas em teorias científicas, mas também através de conhecimentos empíricos.

Para os autores, os textos de produtos audiovisuais devem ser focados em elementos linguísticos, códigos e materiais, afinal, “atribuyen regularmente una valorización a los objetos, a los comportamientos, a las situaciones, etc., y, a partir de ahí les dan un peso diferente, según se juzguen de modo implícito o explícito” (CASSETTI E CHIO, 1999, p.250). Ademais, esse recurso nos permite ir além do próprio texto, problematizando atitudes e valores de quem os cria, revelando o modo pelo qual algo é proposto e apresentado. Com isso, para que seja feita a análise da personagem Monica Geller, serão abordadas duas categorias analíticas, as quais são propostas pelos autores.

a) Sujeito: quem é a personagem e como se dá sua representação;

b) Texto verbal: serão observadas, principalmente, os diálogos que a personagem trava e o estilo da linguagem.

⁶Fonte: <http://www.adorocinema.com/series/serie-49/audiencias/>

Dessa forma, ressaltamos então que, Mônica está inserida em um contexto em que possui uma composição familiar desfavorável, considerando a relação complicada que tem com os pais. Seu irmão, Ross, o qual também é um dos personagens principais da série, é considerado por ela como o irmão mais valorizado pelos pais, principalmente pelo fato de ser um homem com uma carreira profissional consolidada. Ainda que sua vida pessoal não se encontre em uma boa situação, principalmente ao longo da primeira temporada, devido ao divórcio que enfrenta no início da trama, os pais de Monica e Ross veem a carreira dele como algo de grande destaque e importância em sua vida, desconsiderando seu fracasso em relação à constituição de uma família. Como pode ser evidenciado na Figura 1.

Figura 1: Referente ao 2º episódio da 1ª temporada do seriado.



Fonte: Rede NBC de Televisão.

Em contrapartida, Monica, ainda que ame seu trabalho e esteja satisfeita com ele, sente uma forte pressão familiar para seguir o caminho imposto pela sociedade, que coloca a mulher em uma posição em que deve priorizar a construção de uma família em detrimento de sua carreira profissional, como pode ser percebido no diálogo apresentado na Figura 2.

Figura 2: Referente ao 2º episódio da 1ª temporada do seriado.



Fonte: Rede NBC de Televisão.

Enquanto sofre essa pressão por parte dos pais, não só, mas principalmente ao longo da primeira temporada do sitcom, Monica trava uma grande luta interna entre focar em sua carreira e empenhar-se em seu outro sonho, o de constituir uma família. Toda essa questão é um ponto crucial na história pessoal da personagem, e deixa clara, a imposição que existe em relação à construção de uma família sobre as mulheres, a falta dela sobre os homens, e a pouca importância que as conquistas profissionais femininas têm em relação aos êxitos masculinos nesse mesmo âmbito, como pode ser percebido no diálogo entre Monica e sua mãe, na Figura 3.

Figura 3: Referente ao 2º episódio da 1ª temporada do seriado.



Fonte: Rede NBC de Televisão.

Na situação, a mãe da personagem está falando a respeito de seu trabalho, e de certa forma, se recusa a entender completamente a profissão da filha. Fato esse comprovado durante a série uma vez que, ainda que divorciado, Ross não perde seu prestígio em relação aos pais, pois tem uma carreira profissional muito bem consolidada. Acontecimento esse que não atinge Mônica, pois, ainda que ela tenha sua carreira profissional muito bem estabilizada, ela sente que só será valorizada pelos pais no momento em que constituir família.

Com isso, entender a representação dessa personagem dentro de *Friends* torna-se vital para compreendermos como a identidade dos sujeitos se forma com base nas experiências e influências que ele recebe.

“A identidade, bem como a representação, buscam gerar um sentimento de pertença a um determinado grupo. Nesse sentido, a mídia, a partir de seus modos de produção, tenta criar imagens e representações que gerem identificação com seus telespectadores”. (HENRIQUES, 2016, p. 27)

Dessa forma, para entendermos a relação entre identidade e representação, concluímos que “a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos” (WOODWARD, 1997 p. 18), nos tornando assim, sujeitos dentro de um contexto não só social, mas material. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 1997 p. 18). Com isso, temos a compreensão da importância de estudar a representação feminina dentro de um *sitcom*, principalmente dando destaque à área dos Estudos Culturais. Tudo isso se justifica principalmente quando entendemos que “a televisão é responsável por grandes transformações nos modos de construir o imaginário e identidades culturais” (HENRIQUES, 2016, p. 44), assunto que detém grande importância para a área de estudo abordada no presente trabalho.

Considerações Finais

Sabendo que historicamente, as mulheres são representadas na mídia em um patamar de inferioridade e submissão, sendo retratadas na grande maioria dos casos dentro de casa, tendo como seu único papel cuidar da família, deixando o lado profissional de lado, é possível compreender a relevância do presente trabalho. Ainda que atualmente existam movimentos que caminhem no sentido contrário a isso, a mídia hegemônica insiste em representar as mulheres dessa forma. Myra Macdonald (1995) relata o forte papel que a mídia tem na construção de estereótipos e na promoção de um modelo feminino padrão. Essas questões geram o interesse em analisar a representação

feminina em *Friends* para entender a representação da personagem do *sitcom* em relação às questões relacionadas à mulher na sociedade.

A partir de um momento em que entendemos o contexto em que *Friends* está inserido em relação às temáticas abordadas pelos Estudos Culturais, e algumas das maneiras pelas quais o *sitcom* é capaz de influenciar os indivíduos em relação a assuntos tão relevantes como identidade e representação, é possível que se tenha um parâmetro da importância de estudar a representação feminina, não só dentro deste produto audiovisual específico, mas de todo um contexto de televisão e internet, o qual, se encontra tão presente na realidade da sociedade nos mais diversos âmbitos das relações interpessoais.

Dito isso, compreendemos a relevância que a representação feminina dentro de *Friends* tem para esse cenário. Considerando que, ao longo da série, a personagem em questão é representada como alguém que, ainda que em grande parte do tempo deseje alcançar objetivos que não sigam na linha do que é dito pela mídia hegemônica, em outros, acaba cedendo a essas imposições, e acreditando até mesmo que está errada nas ocasiões em que prioriza a consolidação de sua carreira em detrimento da vida amorosa. Assim, entendemos que a série, mesmo que seja reconhecida como um grande marco atemporal em relação a representação da mulher distanciada da posição do lar, ainda possui uma certa reafirmação desse padrão quando analisamos determinadas instâncias.

Referências Bibliográficas

BARROS, Janaina; SILVEIRA, Ada Cristina M; *Best Seller: Harry Potter e a mídia do livro*. 2012

CASETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999

DUARTE, E. *Sitcom: novas tendências*. UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. 2008. Animus: revista interamericana de comunicação.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma Introdução aos Estudos Culturais**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Stuart Hall e Feminismo: Revisitando Relações**. São Paulo, 2016.

HALL, Stuart; **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2001.

HENRIQUES, Mariana. **Identidade Feminina Gaúcha: Representações de Gênero nos Programas Regionais Bah!**. 2016.

MACDONALD, Myra. *Representing women: myths of femininity in the popular media*. 1995.

RIBEIRO, Regiane; MORESCO, Marcielly Cristina; **O Conceito De Identidade Nos Estudos Culturais Britânicos e Latino-americanos: Um Resgate Teórico**. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, 2015.

ADOROCINEMA. < <http://www.adorocinema.com/series/serie-49/audiencias/>> Acesso em 12 abr 2018.